

Roberto Machado, Gilles Deleuze e a filosofia

Mariana de Toledo Barbosa*

Para Liliane Marinho, a própria delicadeza

Resumo: Neste artigo, busquei apresentar as principais teses de “Deleuze, a arte e a filosofia”, versão revista e ampliada de “Deleuze e a filosofia”, de Roberto Machado, o primeiro livro sobre Deleuze no Brasil, e um dos primeiros no mundo. São elas: 1) a questão que move o pensamento deleuziano é “O que significa pensar?”; 2) Deleuze constrói a sua filosofia a partir de uma relação peculiar com a história da filosofia e com pensadores de outros domínios, como a ciência e a arte; 3) Deleuze faz mais uma geografia do pensamento do que uma história da filosofia, estabelecendo dois espaços antagônicos do pensamento, da representação e da diferença, utilizando a diferença como critério de seleção de seus aliados na tarefa de composição do espaço da diferença; 4) a singularidade de sua filosofia se deve ao seu procedimento, que pode ser abordado como uma colagem ou um teatro filosófico. A exposição dessas teses será entremeadada com anedotas na tentativa de trazer ao leitor a presença do professor e filósofo Roberto Machado, que, ao encarnar os conceitos em seu próprio corpo, parecia transmitir uma vida intensa a eles, e a todos nós que o ouvíamos.

Palavras-chave: Roberto Machado, Gilles Deleuze, história da filosofia, geografia do pensamento, procedimento.

Roberto Machado, Gilles Deleuze and philosophy

Abstract: In this article, the main theses of “Deleuze, art and philosophy”, revised and expanded version of “Deleuze and philosophy”, by Roberto Machado, first book on Deleuze in Brazil, and one of the first in the world, will be presented. These theses are: 1) the question that drives Deleuzian thought is “What does it mean to think?”; 2) Deleuze builds his philosophy from a peculiar relationship with history of philosophy and with thinkers from other domains, such as science and art; 3) Deleuze does a geography of thought rather than a history of philosophy, establishing two antagonistic spaces of thought, representation and difference, and using difference as a criterion for selecting his allies in the task of composing the space of difference; 4) the uniqueness of its philosophy is due to its procedure, which can be approached as a collage or a philosophical theater. The exposition of these theses will be interspersed with anecdotes in an attempt to bring to the reader the presence of professor and philosopher Roberto Machado, who, by incarnating the concepts in his own body, seemed to transmit an intense life to them, and to all of us who listened to him.

Keywords: Roberto Machado, Gilles Deleuze, history of philosophy, geography of thought, procedure.

* Professora da UFF. Contato: mari_tb@hotmail.com

Roberto Machado: um pioneiro dos estudos deleuzianos

“Vamos nos falar mais.” Era essa a frase que invariavelmente ouvia ao telefone, ao fim de uma conversa com Roberto, e um desejo que partilhava com ele de que a vida pudesse nos abrir mais espaços de convivência em meio a seu trânsito confuso de obrigações e compromissos. Falar com Roberto era sempre lembrar que o mais importante não estava previsto na agenda nem elencado entre as tarefas. Sobre Deleuze, escreve em seu belo *Impressões de Michel Foucault*: “para utilizar um pensador na criação de sua própria filosofia, ele estava sempre atento à maneira como seu aliado considerava a vida. Nenhum pensador que estudasse, filósofo ou não, clássico ou moderno, era tido como múmia; era alguém que lhe transmitia vida e por ele era animado”¹. Talvez essa observação coubesse ao próprio Roberto, cuja vida era inseparável da filosofia, que ele lia, comentava, ensinava, fazia. Assim como da literatura, à qual se dedicou ao longo de muitos anos, embora com mais afinco depois de sua aposentadoria². E da amizade, que banhava todas as praias de seu pensamento.

Com *Deleuze e a filosofia*, publicado em 1990 (e que recebeu uma edição revista e ampliada em 2009, intitulada *Deleuze, a arte e a filosofia*), inaugurou o campo dos estudos deleuzianos no Brasil: trata-se do primeiro livro dedicado ao filósofo no país, e um dos primeiros do mundo. Antes disso, trocou, por anos seguidos, o apreciado verão carioca pelos cursos e seminários de Foucault no *Collège de France*, na invernal Paris, quando aproveitava a estada na cidade para ouvir outros grandes pensadores da época, dentre os quais Deleuze, que acompanhava desde 1973. Ainda se voltou à filosofia de Nietzsche, antes de se decidir, em 1984, a estudar, de maneira aprofundada, o pensamento de Deleuze, que sentia não compreender muito bem. Foi então que buscou discernir em que sentido Deleuze era filósofo, ou seja, qual seria seu sistema de pensamento e seu procedimento de criação de conceitos³. Chega à seguinte conclusão ao fim de seu esforço:

O desfile das leituras deleuzianas dos filósofos e artistas que acabo de promover mostra justamente que a diferença entre todos eles persiste, ou que cada um conserva sua singularidade. Além disso, Deleuze não se identifica com nenhum deles totalmente. [...] o objetivo principal de sua filosofia é sempre o estabelecimento de relações diferenciais. É esse invariante nas variações dos autores, dos domínios e dos problemas estudados que constitui inclusive o diferencial de sua filosofia. Assim, ela se caracteriza por uma retomada criadora de pensamentos

¹ MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1, 2017, p. 61.

² Sobre a relação de Roberto Machado com a literatura, ver o episódio do podcast Matéria ϕ , em que entrevisto Bruno Lara Resende, Ovídio Abreu e Pedro Sússekind: <https://open.spotify.com/episode/374DnJ9KesnJe10EZvEGCi?si=fsm6sLaBQZ-Ppy6OLW19IA&nd=1> (acessado em 12 de outubro de 2021).

³ MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*, pp. 63-64. Sobre as datas precisas dos cursos de Deleuze frequentados e do início de estudos mais sérios sobre a filosofia deleuziana: p. 168.

que relaciona e agencia por expressarem, em maior ou menor grau, a diferença. Ela incorpora conceitos de filósofos que considera aliados, transforma em conceitos elementos não conceituais de cientistas, literatos e artistas que podem servir de intercessores, mas, ao proceder à repetição de um pensamento como uma modificação e uma inflexão no sentido de sua própria maneira de responder à questão do exercício diferencial do pensamento, também está criando a diferença. [...]. Meu objetivo mais ambicioso foi apresentar esse invariante, esse acordo, essa consonância, essa homologia estrutural para dar conta do que constitui a singularidade dessa filosofia instigante e sugestiva.⁴

Esta longa citação que encerra a investigação de Roberto sobre a filosofia de Deleuze articula importantes teses trabalhadas desde a primeira parte de seu livro: 1) o que orienta a filosofia de Deleuze é a questão “O que significa pensar?” ou “O que é ter uma ideia?”; 2) a partir dela, Deleuze se dedica a explorar uma diversidade de pensadores - filósofos, cientistas e artistas - e seus exercícios de pensamento singulares, sempre subordinando-os ao seu próprio sistema filosófico, o que implica torções de menor ou maior alcance e a produção de duplos sem semelhança; 3) embora não suprima a singularidade de cada um dos sistemas de pensamento investigados a fim de estabelecer uma identidade entre eles, nota em (quase⁵) todos uma ruptura com a representação e a marca da diferença, que ele prolonga ao submeter esses pensamentos a novas diferenciações; 4) sua própria filosofia procede por meio da colagem de fragmentos de ideias de outros, sejam eles filósofos ou não, ou ainda à maneira do que Foucault bem nomeou de *theatrum philosophicum*⁶, sem muita atenção aos marcos históricos, ao contrário, privilegiando uma perspectiva geográfica que os situa num espaço da diferença. Assim Roberto extrai da filosofia da diferença deleuziana um invariante, que se produz ao lado e coexistindo com inúmeras variações: a saber, a diferença, “o estabelecimento de relações diferenciais”.

Neste artigo buscarei, portanto, desdobrar essas teses, que correspondem respectivamente: 1) ao problema que põe em movimento a criação conceitual deleuziana; 2) ao modo peculiar como Deleuze se relaciona não apenas com a história da filosofia, mas também com cientistas e artistas que o fazem pensar; 3) à diferença como critério seletivo de seus aliados e invariante de seu sistema filosófico, mais geográfico do que histórico; 4) ao procedimento característico da filosofia de Deleuze. Além disso, entremearé a exposição dessas teses com anedotas na tentativa de trazer ao leitor a presença do professor e filósofo Roberto Machado,

⁴ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 323.

⁵ O “quase” incluído nesta frase alude principalmente a Kant e, em certa medida, a Leibniz. Estes pensadores, apesar de serem fonte de inspiração para conceitos de Deleuze, ainda podem ser vistos como filósofos da representação. Sobre isso: *Ibidem*, p. 36.

⁶ FOUCAULT, M. “*Theatrum philosophicum*”. In: *Dits et écrits I*. Paris, Gallimard, 1994.

que, ao encarnar os conceitos em seu próprio corpo, parecia transmitir uma vida intensa a eles, e a todos nós que o ouvíamos.

Dois professores, dois filósofos

Pode parecer curioso ler, em 2021, que o principal interesse de Roberto Machado ao destacar o procedimento filosófico deleuziano era mostrar em que sentido Deleuze era filósofo. Talvez como se houvesse uma dúvida a esse respeito num Brasil que ainda não havia sido seduzido por suas ideias. Ou simplesmente como se valesse a pena apresentar aos seus conterrâneos essa descoberta, deixando claro o sistema e o procedimento deste “novo” filósofo. É possível que o desenvolvimento dos estudos deleuzianos no país tenha dirimido, em grande parte, uma suposta dúvida sobre o perfil filosófico de Deleuze. Mas o interesse de um estudo rigoroso acerca do sistema e do procedimento de Deleuze é inquestionável ainda nos dias de hoje. É bastante raro encontrar comentadores de Deleuze, no Brasil e no mundo, com fôlego e cultura suficientes para fazer uma apresentação ao mesmo tempo clara e profunda sobre sua filosofia, o que exige uma capacidade notável de síntese. Além disso, com um estilo tão fluido e prazeroso, mesmo quando manejam questões espinhosas. Além de professor e filósofo, Roberto era um escritor. Seu livro é um presente que certamente será passado de geração a geração. Em verdade, todos os seus livros.

Que ninguém se engane: escrever sobre Deleuze não foi uma tarefa fácil. Ele chegou a contar a jovens estudantes de Psicologia para quem ministrava um grupo de estudos sobre Deleuze, que acontecia em minha casa, o quanto sofreu ao prepará-lo. Uma médica que namorava à época da primeira redação do livro costumava dizer que ele ainda teria um ataque do coração caso continuasse daquele jeito. Quem o conheceu sabe que não era exagero. A exigência de compreensão de Roberto era implacável, e ele não sossegava enquanto não resolvia certas questões. Trabalhava obstinadamente e ficava muito satisfeito ao contar a seus alunos o tempo que havia levado para chegar a alguma solução. “Eu levei seis anos para compreender isso, e agora dou de presente a vocês.” Que aluna ou aluno de Roberto nunca ouviu isso?

Foi Foucault quem lhe aconselhou a seguir os cursos de Deleuze, “um dos grandes prazeres intelectuais” que teve. Sua primeira impressão era de que estava diante de um professor extraordinário e encantador, que preparava muito suas aulas e lançava mão de exemplos e de humor para que a filosofia afetasse mesmo aqueles que não estavam familiarizados com ela. Quando Deleuze falava, quem ouvia tinha a impressão de que ele lhe estava fazendo um carinho

na cabeça. Ao reconstruir o ambiente da Université Paris VIII, em que ocorriam por vezes episódios bastante agressivos, Roberto abdicou desta metáfora, mas não sem preservar algum traço dela: Deleuze “não aceitava provocações, e, incapaz de arrogância, continuava a falar com o fio de voz serena e aveludada que expressava a delicadeza de seu pensamento e de sua relação com os outros”⁷.

As aulas de Roberto causavam grande impacto, uma primeira impressão que repercutia longamente, sendo fortalecida pelas experiências seguintes. Sua voz era forte, grave, cadenciada pelo sotaque pernambucano, suspensa em pausas dramáticas, acompanhadas por variações no olhar vivo e nos gestos de suas mãos magras. Uma vez, mirava um ponto suspenso e deserto da sala lotada, com os dedos pousados no queixo, ficando a sós consigo por alguns segundos. Outras, ao concluir uma explicação, sorria e nos perguntava, sem expectativa de resposta, mas num evidente contato direto: “Está entendendo?”. Concentrava em si, ao longo de quase três horas, a atenção de um público mal acomodado pelas carteiras e pelo chão, enquanto discorria magistralmente sobre assuntos extremamente difíceis com uma clareza incomparável. Lembro-me de um semestre em que um senhor resolveu filmá-lo e repetia extasiado: “É um artista!”. Sobre Deleuze, Roberto escreve, utilizando-se da definição que o próprio Deleuze dá às aulas de filosofia⁸: “Seus cursos tinham a intensidade de um show de música.” Teria Roberto se inspirado nele?

Há ainda outro ponto em comum entre esses dois professores e filósofos: preparavam seus livros a partir dos cursos, e os conteúdos calmamente desdobrados em aula frequentemente ocupavam pouco espaço nos livros correspondentes. “Às vezes, ao tornar-se texto, uma aula se resumia a uma nota de rodapé”⁹: revela Roberto acerca de Deleuze. Sabemos que o próprio Roberto costumava gastar um semestre inteiro para escrever um capítulo de um livro seu. Do mesmo modo, o público mesclava estudantes e professores universitários, artistas e outros. Dividi a sala de aula e o carro de Roberto, que nos dava sempre carona, com Luiz Zerbini em 2007, quando o curso tinha como tema o comentário de Deleuze ao pintor Francis Bacon, presente no livro *Francis Bacon: lógica da sensação*, de 1981. Este curso virou um dos capítulos acrescentados a *Deleuze e a filosofia*, que se tornou *Deleuze, a arte e a filosofia* justamente depois de contemplar escritos deleuzianos sobre as artes. Mais uma similaridade entre as duas salas de aula se confirmou certa vez, quando uma pessoa se levantou abruptamente

⁷ MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*, p. 61, p. 60.

⁸ DELEUZE, G. “‘P’ comme professeur”. In: *L’Abécédaire de Gilles Deleuze: uma realização de Pierre-André Boutang*. Paris: Éditions Montparnasse, 1988-1989.

⁹ MACHADO, R. “O professor e o filósofo”. In: *Revista Trágica*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2015, pp. 1-15, p. 3.

no meio da aula de Roberto, gritou algo cujo conteúdo não fixei, e que pareceu não fazer sentido para ninguém, e se retirou com a mesma violência. Ainda um pouco atônito, Roberto pontuou, com contentamento, depois de pôr no rosto um tímido sorriso contemplativo: “Isso me faz lembrar as aulas de Deleuze.”

O que significa pensar?

Segundo Roberto, esta seria a questão central da filosofia de Deleuze: “‘o que significa pensar?’, ‘o que é ter uma ideia?’ na filosofia, nas ciências, nas artes, na literatura”¹⁰. Seria talvez possível formular a mesma questão com algumas variações: O que faz pensar? O que força a pensar? O que faz nascer o pensar no pensamento? Mas trata-se efetivamente da mesma questão? Acredito que não, embora haja entre elas uma zona de indiscernibilidade. O modo como a questão é posta por Roberto salienta o próprio exercício do pensamento *uma vez já tendo sido disparado* e se refere a *como* cada pensador pensa, indicando justamente o procedimento. Ao passo que as variações propostas apontam para as condições genéticas do pensamento, de certa maneira “prévias” a ele. É neste segundo sentido que melhor se compreende, por exemplo, a atração de Deleuze pelo tratamento proustiano dos signos em *Em busca do tempo perdido*: “o signo - ou, a partir de *Diferença e repetição*, a intensidade - é o que força o pensamento em seu exercício involuntário e inconsciente, isto é, transcendental. Só se pensa sob pressão. Na gênese do ato de pensar está a violência dos signos sobre o pensamento.”¹¹ Além disso, a questão destacada por Roberto comporta a proposição, estranha para alguns, de que o pensamento e a ideia não são privilégio da filosofia para Deleuze: os cientistas, os artistas, os literatos pensam, têm ideias, tanto quanto os filósofos. E os filósofos criam tanto quanto os artistas e os literatos. Isso, pois pensar é criar, é ter uma ideia¹².

Roberto tinha orgulho de ter antecipado, por meio de seu fino garimpo dos livros, artigos e entrevistas de Deleuze, algumas proposições de *O que é a filosofia?*, escrito com Guattari, cuja data de publicação é posterior à de seu próprio livro. Isso inclusive respaldava um dos motes de sua interpretação: de que, em certo sentido, Deleuze era um filósofo de uma única ideia, que ele repetia diferencialmente em suas múltiplas e excelentes investigações.

¹⁰ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*, pp. 12-13.

¹¹ *Ibidem*, p. 197.

¹² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1991) “Introduction: Ainsi donc la question”. In: *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 2005. Deleuze discorre sobre essa questão, em 17 de maio de 1987, em uma conferência para cineastas da Fémis (École Nationale Supérieure des Métiers de l'Image et du Son), de que Roberto se servia para introduzir sua filosofia: “Qu'est-ce que l'acte de création?”

Diferentemente de Foucault, que para Roberto tinha fases (faces¹³) de pensamento completamente distintas. Ele chega a comparar os dois filósofos: “Foucault possuía a habilidade de falar da mesma coisa de maneiras diferentes. Em geral, fala-se sempre do mesmo modo do que já se sabe, do que já se formulou. Deleuze é um bom exemplo disso. Michel jamais falava do mesmo modo sobre os mesmos temas.”¹⁴ Foi assim, discernindo o invariante, ou o ritornelo, da filosofia deleuziana, que ele pareceu adivinhar algumas coordenadas de seu pensamento, assumidas apenas no livro de 1991.

Além da relação entre a filosofia e a não filosofia - entre a filosofia, a arte e a ciência - que abordarei adiante, este livro também insistiu em algo há muito relevante para Deleuze: a necessidade da criação de conceitos advinha do imperativo colocado por um problema, os conceitos filosóficos eram tentativas de responder a uma questão¹⁵. O signo, ou a intensidade, fazia nascer o pensar no pensamento ao impor um problema que exigia uma resposta, e essa resposta, sempre parcial e incapaz de esgotar o problema, no caso da filosofia, era a criação de conceitos. Roberto intuiu com precisão a questão que movia a filosofia de Deleuze: “O que significa pensar?”. E creditava a ela a prioridade da filosofia em relação a outros tipos de pensamento na formulação dos problemas filosóficos de Deleuze, sem, com isso, contrariar a recusa deleuzo-guattariana de uma hierarquia entre os saberes. O que estaria em pauta é justamente o caráter filosófico do pensamento de Deleuze, que faria com que os conceitos fossem seu material específico de criação, o elemento com o qual ele teria mais afinidade.

Mesmo que um conceito seja como um som, uma imagem ou uma cor, e não haja superioridade ou preeminência de um sobre os outros, do ponto de vista da elaboração dos conceitos e dos problemas filosóficos, ou do exercício de pensamento de Deleuze, há prioridade da filosofia sobre os outros domínios. A razão é que, sendo a questão de sua filosofia ‘o que significa pensar?’, ‘o que é ter uma ideia?’ - e essa não me parece ser a questão da ciência, da arte ou da literatura -, isto é, sendo seu objetivo principal criar um conceito de exercício do pensamento, ou investigar conceitualmente o próprio processo de criação do pensamento, o apelo aos saberes não filosóficos funciona fundamentalmente como extensão ou prolongamento de uma problemática definida conceitualmente pela filosofia. O não filosófico entra como elemento que vem alimentar um pensamento eminentemente voltado para a filosofia e até mesmo para os conceitos tradicionais da filosofia. [...] Mais do que um teórico das ciências, das artes ou da literatura, Deleuze é um historiador da filosofia que ousou pensar filosoficamente.¹⁶

¹³ “Foucault jamais pretendia ser um filósofo da identidade. Sem fixar ou imobilizar seu pensamento, ele sempre aceitou o desafio de pensar diferente. Não foi ele mesmo quem proclamou que se escreve para ser diferente do que se é? Seu pensamento de muitas faces multiplicava as perspectivas com muita rapidez, a ponto de ele declarar não subscrever sem restrições as ideias de seus livros. Ele era a ilustração perfeita de que cobra que não perde a pele, morre.” (MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*, p. 43.)

¹⁴ MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*, p. 49.

¹⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1991) *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 2005, p. 22.

¹⁶ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*, p. 19.

Também Roberto parecia priorizar a filosofia, apesar de seu fascínio por Foucault, que ocasionalmente a preteria frente a outros saberes, e de seu amor à literatura, pela qual tentou trocar, com algum sucesso, a filosofia nos últimos anos de sua vida. Foi o que o levou a abandonar, nos anos 1970, sua pesquisa de arquivos, iniciada com *A danação da norma*, para se entregar ao prazer de ler textos filosóficos e literários, como os abundantemente citados por Deleuze¹⁷. Nem sempre era fácil sobrepôr, à sua máscara de filósofo, a máscara de literato. A alegria da filosofia parecia não parar de lhe bater à porta. Como duas asas indispensáveis para se alçar voo. Assim, em *Impressões de Michel Foucault*, onde se leem tantas impressões de Deleuze, Roberto alcançou, se movendo de uma à outra, alturas notáveis (no vasto céu pantaneiro dos tuiuiús¹⁸).

Um historiador da filosofia que ousou pensar filosoficamente

Essa fórmula do livro de Roberto não deixa de causar um certo espanto, pois, à primeira vista, pode parecer tomar Deleuze como um mero historiador da filosofia, ou seja, retirar dele o estatuto de filósofo e considerá-lo apenas um comentador. A fórmula, no entanto, continua: “que ousou pensar filosoficamente”. E Roberto faz questão de apresentar Deleuze como um filósofo: “O que faz de Deleuze um filósofo - e não simples historiador da filosofia ou do pensamento - é o fato de ele deixar a marca de seu próprio pensamento filosófico em todos os seus estudos sobre filósofos ou não filósofos.”¹⁹ “Se Deleuze não pode ser considerado propriamente um historiador da filosofia é porque, para ele, repetir um texto não é buscar sua identidade, mas afirmar sua diferença”.²⁰ Percebemos ainda que esta marca que Deleuze deixa nos criadores de que se apropria decorre da subordinação dos problemas e ideias dos pensamentos deles ao seu próprio sistema filosófico:

Se o procedimento de Deleuze privilegia os elementos oriundos da própria filosofia, a questão decisiva é a da relação entre sua criação de conceitos e os conceitos filosóficos produzidos por outros. [...] para ele, ler e pensar os filósofos não se reduz a fazer trabalho de historiador. Se sua atividade criadora liga-se essencialmente à história da filosofia, é no sentido de instituir a leitura do filósofo como parte essencial de seu modo próprio de filosofar, ou de subordinar o conhecimento das questões e problemas filosóficos à constituição de um pensamento: o seu.²¹

¹⁷ MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*, p. 82.

¹⁸ Em 31 de agosto de 2017, Roberto Machado foi à UFF para proferir a conferência “Foucault: filósofo e militante”, como lançamento de seu *Impressões de Michel Foucault*, recentemente vindo a lume. Nesta tarde, ele comparou, com humor e singeleza, o esforço literário neste livro ao modo desajeitado como o tuiuiú se desloca antes de levantar voo, para deleite do imenso público, que lotou as cadeiras e corredores do maior auditório de nosso Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.

¹⁹ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*, p. 19.

²⁰ *Ibidem*, p. 29.

²¹ *Ibidem*, p. 21.

Um traço bastante relevante do pensamento de Deleuze reforça a suspeita diante da fórmula: a relação de Deleuze com a história da filosofia está longe de ser harmoniosa; nota-se nela, aliás, uma grande ambivalência. Com efeito, se Deleuze inegavelmente recorre à tradição filosófica ocidental na busca de aliados para a sua criação conceitual, ele não deixa de usar o martelo de Nietzsche para atacar, com uma crítica contundente, os grandes nomes desta mesma tradição e golpear uma série de pressupostos constitutivos dela que impedem o pensamento. Temos aí, por exemplo, *Diferença e repetição* e seu demolidor capítulo 3, “A imagem do pensamento”, tão apreciado por Roberto, e no qual Deleuze²² denuncia o dogmatismo, a moral interna à filosofia ocidental, e os mecanismos de poder que nela reduzem o pensamento a certas coordenadas já estabelecidas, coordenadas que o sufocam. Roberto conhece essa ambivalência e a endossa com uma seleção preciosa de citações do próprio Deleuze, discernindo inclusive modulações nesse tom hostil, como quando, em nota, observa que Deleuze é menos severo com os historiadores da filosofia no *Abecedário*²³ - entrevista com Claire Parnet em que Deleuze discorre sobre temas dispostos em ordem alfabética, sendo História da Filosofia o tema selecionado para a letra “H”.

Por que, então, erigir uma fórmula como essa: um historiador da filosofia que ousou pensar filosoficamente? Muito provavelmente para dar sustentação a sua hipótese de que, em Deleuze, excluída qualquer hierarquização entre as disciplinas, ou seja, situando-se a filosofia, a arte e a ciência num mesmo nível no que diz respeito à sua capacidade de pensamento e de criação, há, de todo modo, uma prioridade, um privilégio, da filosofia na construção do pensamento deleuziano. É assim que, segundo Roberto, Deleuze transforma os elementos não conceituais - sensações, funções, proposições - extraídos de outros domínios em elementos propriamente conceituais, integrando-os à sua própria filosofia. A pesquisa deleuziana sobre o cinema, inspirada pelos conceitos bergsonianos de imagem, movimento e tempo, auxilia Roberto a precisar seu argumento: “Não que os livros sobre o cinema sejam uma simples aplicação de conceitos preexistentes. Os conceitos deleuzianos nesse momento são efetivamente criados com o cinema. Mas essa criação conceitual tem como condição conceitos já definidos pela filosofia, fundamentalmente a de Bergson.” E ele relembra, para não provocar mal-entendidos: “O que não implica evidentemente nenhuma superioridade da filosofia como forma de pensar.”²⁴

²² DELEUZE, G. (1968) *Différence et répétition*. Paris, PUF, 2005.

²³ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*, p. 21, n.

²⁴ *Ibidem*, pp. 19-20.

Restaria ainda uma última possível reação a essa fórmula: não seria cabível aplicá-la a diversos outros filósofos? Será que não há outros, e mesmo muitos outros filósofos, que poderiam ser definidos como historiadores da filosofia que ousaram pensar filosoficamente, no sentido em que fizeram uso da tradição filosófica para formular seus próprios problemas? Provavelmente, mas o que singulariza a filosofia de Deleuze é *como* ele faz isso, ou seja, seu procedimento, e, além disso, o critério que ele utiliza na seleção de seus aliados: a diferença.

Um geógrafo do pensamento

Apesar da fórmula que intitula o item anterior, uma das principais teses de Roberto é que Deleuze faz mais uma geografia do que uma história do pensamento, estabelecendo dois espaços antagônicos em que distribui os pensadores, filósofos ou não: o espaço da representação e o espaço da diferença. Os filósofos e outros pensadores da representação são aqueles que subordinam a diferença à identidade, ao passo que os pensadores da diferença a libertam deste jugo. A propósito da leitura que Deleuze faz da filosofia, mas que não se restringe à filosofia, Roberto escreve:

Sua característica mais elementar é o fato de ela se propor mais como uma geografia do que propriamente como uma história. Se o pensamento pressupõe eixos e orientações pelos quais se desenvolve, isso põe a exigência de considerá-lo não como tendo uma história linear e progressiva, mas privilegiando a constituição de espaços, de tipos. Daí um segundo princípio que norteia essa leitura geográfica da filosofia: a existência não de um, mas de dois espaços em que o pensamento filosófico se situa. Considerando a história da filosofia de um ponto de vista filosófico, como uma disciplina filosófica, a geografia deleuziana estabelece dois tipos, dois estilos de filosofia, não apenas heterogêneos, mas sobretudo antagônicos. No que diz respeito à constituição de uma geografia do pensamento, a filosofia de Deleuze é marcadamente dualista. Esse dualismo ou a posição de dois espaços antagônicos não se reduz evidentemente ao pensamento filosófico; é uma propriedade do pensamento em geral, ou dos mais variados saberes.²⁵

Utilizando uma terminologia sobretudo de *Diferença e repetição*, em que Deleuze contrapõe uma imagem moral ou dogmática do pensamento a um pensamento sem imagem, Roberto traça esses dois espaços como: “o espaço da imagem do pensamento, que é dogmático, ortodoxo, metafísico, moral, racional, transcendente...; e o espaço do pensamento sem imagem, que é pluralista, heterodoxo, ontológico, ético, trágico, imanente...”²⁶ E lembra ainda a diferença entre moral e ética que subjaz a este antagonismo de espaços. A moral é um sistema de julgamentos realizados por meio de valores universais, transcendentais, superiores à vida, ao

²⁵ Ibidem, p. 22.

²⁶ Ibidem, p. 26.

passo que a ética é um conjunto de avaliações a partir de valores imanentes, criados no seio da própria vida, dela derivados. Existe, portanto, na filosofia de Deleuze, um combate ao julgamento e uma *vontade de imanência*, segundo a feliz expressão de Ovídio Abreu²⁷, amigo de longa data e ex-orientando de doutorado de Roberto, que compartilha com ele o interesse pelo tema do procedimento deleuziano, enriquecendo-o com novas perspectivas.

Esta geografia do pensamento inclusive leva Roberto a considerar Deleuze, ao menos neste aspecto, um dualista. Uma compreensão que talvez se deva, em parte, a uma rápida conversa com Foucault, prolongada em sua imaginação:

Quando penso nas conversas com Michel, imagino sempre as perguntas que não lhe fiz - às quais, não tenho dúvida, ele me daria uma pronta resposta. Como em um almoço no pequeno charmoso restaurante Le Mercure Galant, ao lado do Palais Royale, quando ele me disse, num tom crítico, que Deleuze era antes de tudo um bergsoniano. Desejando saber mais, indaguei o que ele queria dizer com isso. Ao que ele respondeu, sem pestanejar: ‘dualista’. Naquele momento, no restaurante, eu poderia ter questionado se de fato Bergson era dualista. Mas não, deixei a conversa seguir em outra direção.

Em 1980, no seu apartamento, teria sido interessante voltar ao assunto e lhe perguntar se ele ainda pensava assim. Pois *Mil platôs* é um esforço hercúleo para superar os dualismos em nome do privilégio da multiplicidade. Tenho a pergunta na ponta da língua: ‘Haveria inadequação, na filosofia de Deleuze, entre o projeto de ultrapassar os dualismos, conectando multiplicidades para formar uma totalidade fragmentária, e as análises que postulam e defendem a existência de dois espaços antagônicos do pensamento: diferença e representação?’²⁸

Roberto revela, neste trecho, seu desejo de que Foucault partilhasse sua hipótese acerca destes dois espaços antagônicos do pensamento, ao mesmo tempo que responde à objeção do filósofo quanto ao dualismo de Deleuze circunscrevendo-o ao âmbito preciso desta geografia do pensamento²⁹. Não porque creditasse à influência de Bergson este dualismo, que justamente dizia existir apesar de Deleuze pretender realizar uma filosofia da multiplicidade de inspiração bergsoniana. Tampouco porque desconhecesse a célebre passagem de *Mil Platôs* em que Deleuze e Guattari descartam um dualismo de modelos em prol da distinção entre um modelo transcendente e um processo imanente. Simplesmente não se convence de que Deleuze tenha sido inteiramente bem sucedido.

Neste ponto, permitam-me discordar de meu amigo e orientador Roberto Machado, e mesmo do grande filósofo Michel Foucault. Subvertendo a crítica de Foucault, eu diria mesmo que Deleuze não é dualista, dentre outras coisas, porque é bergsoniano. A ontologia deleuziana, monista, ou ainda pluralista - tal como a leitura que Deleuze faz da ontologia bergsoniana - não

²⁷ ABREU, O. “O procedimento da imanência em Deleuze”. In: *Alceu*. v. 5, n. 9, jul./dez. 2004, pp. 87-104. Sobre a expressão “vontade de imanência”: ver p. 91.

²⁸ MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*, pp. 169-170.

²⁹ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*, p. 24.

dá margem para qualquer dualismo. A profusão de dualidades encontradas na obra de Deleuze - com e sem Guattari - concerne às situações concretas já constituídas, ao que é *de fato*, mas a ontologia de Deleuze reporta à dimensão do que é *de direito*, ou, para dizer mais precisamente, às condições genéticas, ao plano da própria construção, ou produção, da realidade.

Por isso a enorme diferença entre um processo imanente e um modelo transcendente. O que é é o processo, assim como, em Bergson, o que é é o virtual, o passado, o devir. Como deixa claro *O que é a filosofia?*, livro que Roberto estudou depois de já ter lançado a primeira edição de seu comentário de Deleuze, todo pensamento se engendra na imanência, e a própria transcendência é um produto da imanência, mas um produto que nunca adquire o mesmo estatuto ontológico que o produzir. Em primeiro lugar, porque rompe com o devir, e é o devir que tem um ser. Em segundo lugar, porque a ontologia de Deleuze, além de construtivista, genética, voltada para a produção do real, e não para o real já dado, é, desde pelo menos *Nietzsche e a filosofia*, de 1962, seletiva, e expulsa toda a negatividade. Ora, a transcendência para Deleuze - que já se fazia notar no espaço da representação - é uma limitação, uma negação da imanência, que impede o surgimento de um pensamento orientado por uma vontade de imanência. Portanto, é excluída do ser tomado em sua dimensão genética e puramente afirmativa.

O mesmo se poderia dizer desses dois espaços tão bem delimitados por Roberto. A delimitação certamente procede, e mesmo o antagonismo, mas há um primado genético e ontológico de um espaço sobre o outro, um primado da diferença sobre a representação, que faz com que a própria representação, a própria subordinação da diferença à identidade, seja produzida, de alguma maneira, pela diferença. Por todas essas razões, e pelo fato de o termo “dualismo” designar uma ontologia dualista, essa é uma das raras passagens em que discordo de Roberto. E se o faço, é porque Roberto não apenas respeitava a divergência, como encorajava suas alunas e alunos a assumirem posições próprias, estivesse ou não de acordo com elas. Ou, ainda, porque sigo conversando com ele em minha imaginação.

Em outra de suas teses que suscitou debate, Roberto defende que foi Nietzsche o filósofo que forneceu a Deleuze o critério da diferença segundo o qual ele selecionava seus aliados para comporem o espaço alternativo à representação, em que, liberado dos pressupostos dogmáticos da imagem moral da filosofia ocidental, o pensamento se tornaria de novo possível.

O que possibilita a Deleuze uma dicotomia entre duas orientações básicas do pensamento e apresentar uma delas como uma resistência, uma alternativa radical? Ou melhor, qual o critério que lhe permite isolar duas vertentes na história do pensamento, considerá-las antagônicas e

escolher uma das orientações como inspiradora de seu próprio pensamento filosófico? A resposta pode ser dada imediatamente: a filosofia de Nietzsche.³⁰

Embora seja eventualmente pertinente reivindicar uma importância igual, na constituição da filosofia deleuziana, para filósofos como Bergson e Espinosa³¹, para ficar em alguns, e tendo o próprio Deleuze afirmado que tudo em sua filosofia tendia a uma grande identidade entre Espinosa e Nietzsche³², dando a impressão de não hierarquizar a relevância desses dois filósofos em seu pensamento, não tenho qualquer objeção a fazer, pois me parece que essa tese, além de muito bem defendida, faz pensar e convoca os partidários de teses alternativas a um trabalho rigoroso, que daria excelentes contribuições aos estudos deleuzianos. Mais especificamente, Roberto elege dois conceitos nietzschianos como centrais a esse respeito: a vontade de potência e o eterno retorno, cujas versões deleuzianas são justamente a diferença e a repetição. “A interpretação do eterno retorno nietzschiano, em sua relação intrínseca com a vontade de potência, é em última análise a condição de possibilidade da crítica feita por Deleuze à filosofia da representação e, conseqüentemente, de sua proposta de uma filosofia da diferença.”³³ Essa concepção permite a Roberto dizer que o objetivo de Deleuze era encontrar aliados para Nietzsche, um filósofo que, se dependesse dele, dispensaria de bom grado praticamente toda e qualquer aliança: “partindo de Nietzsche como critério de avaliação, o estilo filosófico deleuziano consiste em lhe encontrar aliados em graus diferentes, estabelecendo conexões entre conceitos de filósofos que merecem figurar, com mais ou menos pertinência, no espaço de uma filosofia da diferença”³⁴.

Colagem ou teatro filosófico

Por fim, chegamos ao coração da investigação de Roberto: o procedimento deleuziano, que não somente explicita em que sentido Deleuze é filósofo, como discerne a sua singularidade de criador. Mirando-se no exemplo do movimento artístico dadaísta, que utilizava técnicas de colagem em sua pintura, Deleuze reúne conceitos advindos de pensadores diversos, e aos quais impõe torções de maior ou menor alcance, na constituição de seu pensamento. Para isso, não se incomoda em isolar, conforme o caso, algum ou alguns conceitos roubados de um autor³⁵ do

³⁰ Ibidem, p. 33.

³¹ Como, por exemplo: HARDT, M. (1993) *Gilles Deleuze: an apprenticeship in philosophy*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

³² DELEUZE, G. (1990) “Sur la philosophie”. In: *Pourparlers*. Paris: Minuit, 2007, p. 185.

³³ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*, p. 87.

³⁴ Ibidem, p. 37.

³⁵ Sobre isso, ver: DELEUZE, G. & PARNET, C. (1977) *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1996, p. 13. Roberto cita e analisa o verso de Bob Dylan apreciado por Deleuze, “Eu sou um ladrão de pensamentos”, em: MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*, p. 30.

restante de seu sistema de origem, para que se prestem melhor a compor seu próprio sistema filosófico. Tomando novamente a arte como parâmetro, vale comparar seu procedimento com o discurso indireto livre em literatura, quando já não se sabe quem está falando, o narrador ou o personagem - o comentador ou o filósofo. Ou com a criação de uma ficção científica. Ou com a pintura de retratos peculiares, propriamente filosóficos, nos quais engendra duplos sem semelhança com os modelos³⁶. Foucault, aludindo à *Diferença e repetição*, caracterizava a filosofia de Deleuze como um teatro filosófico, em que os filósofos e outros pensadores eram os personagens³⁷.

Pensando no procedimento literário do discurso indireto livre, tantas vezes utilizado por ele [Deleuze] como exemplo de pensamento diferencial, é possível dizer que, em seus estudos, ele fala em seu próprio nome usando o nome de outro. A leitura que faz dos filósofos - e também dos não filósofos - age, atua, interfere com o objetivo de produzir um duplo. Deslocamento, disfarce, dissimulação, recriação são sentidos correlatos de sua ideia do livro de filosofia como 'ficção científica', que aparece no prólogo de *Diferença e repetição*. A leitura deleuziana é claramente organizada a partir de um ponto de vista, de um interesse, de uma perspectiva que faz o texto estudado sofrer pequenas ou grandes torções a fim de ser integrado a suas próprias questões; é uma leitura interessada em captar os conceitos que podem ser postos a serviço de seu próprio projeto. Daí a relevância da ideia de colagem. Falar de colagem a respeito do pensamento filosófico significa dizer que o texto considerado é muitas vezes extraído de seu contexto, ou melhor, que os conceitos - considerados como objetos de um encontro, como um aqui e agora, como coisas em estado livre e selvagem - são utilizados como instrumentos, como técnicas, como operadores, independentemente das inter-relações conceituais próprias do sistema a que pertencem.³⁸

Roberto frequentemente enfatiza o aspecto sistemático da leitura que Deleuze faz dos pensamentos de outros criadores, assim como de sua própria filosofia, que define, não acidentalmente, como "um sistema [aberto] de relações entre elementos heterogêneos"³⁹. Daí sua estranheza ao perceber que Foucault criticava *Mil Platôs* fazendo referência a seu caráter sistemático, como se Deleuze não tivesse sido sempre sistemático, especialmente em *Diferença e repetição*, livro que suscitou o divertido anúncio foucaultiano de um século deleuziano⁴⁰.

³⁶ Sobre a relação entre pintura e filosofia em Deleuze: BARBOSA, M. T. "Pintar e pensar as forças: a criação em pintura e filosofia segundo Deleuze". In: *Viso: Cadernos de Estética Aplicada*, v. VIII, n. 15, 2014, pp. 80-99.

³⁷ FOUCAULT, M. "Theatrum philosophicum". E o comentário de Roberto: MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*, p. 31.

³⁸ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*, pp. 29-30.

³⁹ *Ibidem*, p. 18.

⁴⁰ MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*, pp 167-169, p. 96. Nesta página, consta o trecho acerca da famosa frase de Foucault, que merece ser reproduzido: "Quando lhe perguntei sobre sua afirmação estrondosa a respeito de Deleuze, no admirável artigo 'Theatrum philosophicum', rindo, ele me respondeu de forma que, na época, me pareceu estarrecedora: 'Dizer que um dia, talvez, o século será deleuziano foi uma brincadeira. Eu sabia que assim as pessoas que gostam de Deleuze ficariam contentes, e as que não gostam, irritadas. Além disso, rimos muito com isso.' Foucault tinha escrito aquela frase, hoje célebre entre seus admiradores e os de Deleuze, para chamar a atenção para a filosofia do amigo, ainda pouco notada fora da universidade em 1969."

Toda leitura realizada por Deleuze tem um caráter instrumental. É assim que muitas vezes no surpreendemos ao vê-lo roubar uma ideia, um conceito de uma filosofia que, pensada em seu conjunto, encontra-se nos antípodas das posições de sua própria filosofia. Mas realizar uma colagem ou produzir um duplo não significa se insurgir contra o sistema. Significa desembaraçar, desemaranhar os conceitos de seus sistemas de origem para criar um novo sistema. Mesmo que o pensamento tenha uma relação imediata com o de-fora, seja atravessado por um movimento que vem de fora, ou mesmo que a multiplicidade seja um princípio fundamental no sentido em que os fragmentos de uma obra devem manter entre si uma relação de diferença sem fazer referência a uma unidade ou uma totalidade, isso não significa que a filosofia de Deleuze não forme um sistema [...]. Assim, por exemplo, todas as suas leituras de filósofos são sistemáticas. Não só as de Kant e Espinosa, mas até mesmo a de Nietzsche, certamente um dos filósofos menos sistemáticos que existem. Além disso, no plano mais geral, a inter-relação conceitual que essas leituras estabelecem resulta de uma concepção do exercício do pensamento que também se formula de um modo sistemático, mesmo que se trate, como mostrarei, de um sistema aberto. Ao estabelecer ressonâncias, a colagem produz uma inflexão de leitura que se deve à ação de um pensamento sistemático que busca definir um espaço da diferença.⁴¹

Esse perfil sistemático de suas monografias e livros temáticos, e de sua filosofia em geral, tomada como um sistema aberto, convive com o uso instrumental de ideias que ele recorta de sistemas de pensamento nem sempre situados no espaço da diferença, pois, como esclarece Roberto: “se na dimensão dos sistemas filosóficos ou da orientação geral de um pensamento a delimitação é nítida, no âmbito dos elementos ou dos conceitos componentes a comunicação entre esses espaços é frequente”⁴². O exemplo mais icônico é Kant: o filósofo responsável por erigir um tribunal na filosofia é o mesmo que oferece a Deleuze a descoberta do tempo como diferença transcendental, como rachadura, fissura, do sujeito, e lhe fornece elementos para a criação do importante conceito de intensidade e de sua doutrina das faculdades⁴³.

A liberdade de Deleuze frente à opressiva história da filosofia causava admiração em Roberto. Sobretudo se lembrarmos a frase que ele ouviu de um tutor ao iniciar seus estudos na Universidade Católica de Louvain: “Aqui não importa o que você pensa: o importante é você conhecer o que os outros pensaram.”⁴⁴ Essa frase o impressionou tanto, que voltava como um refrão em suas aulas, e arrastava com ela um poderoso contraponto: a necessidade de pensar por conta própria, que Roberto sentia e com a qual desejava contaminar seus alunos. Pode-se então dimensionar a força da fórmula “um historiador da filosofia que ousou pensar filosoficamente”, que traduziria toda a potência de alguém que bebeu da fonte de história da filosofia sem sucumbir a seu veneno, que se desvencilhou das garras da tradição.

⁴¹ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*, pp. 30-31.

⁴² *Ibidem*, p. 36.

⁴³ *Ibidem*, pp. 103-127; pp. 297-299.

⁴⁴ MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*, p. 21.

Havia algo de profundamente revolucionário no uso infiel que Deleuze fazia de outros pensadores. Deleuze se insurgia contra o método da história da filosofia, que condicionava o pensamento à erudição, borrando, em última instância, as fronteiras entre a filosofia e a história da filosofia, e fazendo filosofia mesmo quando aparentemente produzia uma simples monografia sobre um autor.

Desse modo, a relação entre a filosofia de Deleuze e o pensamento dos outros tem basicamente dois aspectos: sua leitura dos filósofos ou não filósofos e a constituição de seu próprio pensamento filosófico. Mas não se trata de dois aspectos fundamentalmente heterogêneos, pois os estudos monográficos que realiza são guiados por sua problemática filosófica e, inversamente, a filosofia que produz é o resultado de inter-relações conceituais feitas a partir de suas leituras filosóficas. Neste sentido, analisar a filosofia de Deleuze é responder a uma dupla questão, ou a uma questão circular: Como o âmago de seu pensamento filosófico singular serve de princípio de leitura dos pensadores, sejam eles filósofos ou não? Como os pensadores agenciados pela colagem explicam a formação de seu sistema filosófico?

Talvez por isso, em minha defesa de doutorado, em 2012, Roberto usou o pretexto de se tratar de uma banca mista, com membros brasileiros e franceses - visto que desenvolvi minha tese no quadro de uma cotutela entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Université Paris Nanterre - para lançar mão da prerrogativa prevista na França de me arguir, mesmo estando no papel de orientador. Ele fez duas perguntas, mas só me recordo de uma: “O que você fez é filosofia ou história da filosofia?”. Até hoje, não sei exatamente que vertente desta questão de tantas nuances o motivou a formulá-la. Por medo de cair em alguma armadilha e nunca tendo sido tão ingênua a ponto de me pretender filósofa, tanto mais por ter uma formação prévia não em filosofia, mas em psicologia e psicanálise, respondi prontamente, meio embaraçada: “História da filosofia”. Isso não impede que a amizade que nos ligava e seu declarado esforço em pensar por conta própria me tenham feito intuir, com ou sem razão, ainda no calor do momento, que essa pergunta era um convite para compartilharmos algo: o amor e a busca pela filosofia.

Essa impressão seria reforçada quando, já doutora em filosofia, eu ainda titubeava quanto ao caminho acadêmico a seguir, entre a filosofia e a psicanálise, e Roberto definiu: “agora você é da filosofia”. Poucos meses antes, apesar de uma série de problemas pessoais graves que enfrentava nos últimos momentos de redação da tese, Roberto me telefonou, e enquanto eu sequer me sabia capaz de concluir a escrita, ela já me adiantava que um amigo e antigo aluno seu, Pedro Sússekind, havia encontrado uma universidade com um ambiente muito agradável, e que eu também deveria trabalhar lá. Sou imensamente grata a sua confiança, decisiva para que eu conseguisse dar continuidade a meus esforços e atravessar a tempestade,

até cumprir o destino que ele me havia traçado. Essa talvez tenha sido a primeira, mas não foi a última tempestade que atravessamos juntos.

Sob a luz de um gigante

Numa das muitas segundas-feiras em que Ovídio e eu passamos a tarde na casa de Roberto, colaborando com ele na longa tarefa de revisar, na íntegra, a tradução de *Diferença e repetição* para o português, ele se voltou para nós e fez uma de suas perguntas desconcertantes: “Quem foi a pessoa mais inteligente que vocês conheceram?”. Eu e Ovídio, sempre mais distraídos do que ele, não sabíamos o que responder. Ele tinha sua resposta na ponta da língua, e nos confessou: “As duas pessoas mais inteligentes que conheci foram Foucault... e Caetano”. Tão logo disse essas palavras, tapou a boca com seus dedos longos e soltou um riso de menino que acabava de fazer alguma arte. Hoje, depois de ter me despedido dele, e vislumbrado, na ainda pequena distância que nos separa, a grandeza de sua obra, e sobretudo de seu modo de viver, certamente teria a mesma convicção em minha resposta.

A admiração por Roberto, que sempre foi imensa, não só de minha parte, como da parte de muitos, não era obstáculo para que ficássemos à vontade com ele. Ele não se punha acima de ninguém; estava sempre ao nosso lado. Sentia-se ele próprio um eterno aprendiz, menosprezava qualquer hierarquia entre alunos e professores: “um professor é antes de tudo um aluno capaz de escolher o tema de seus estudos e se dedicar a ele enquanto lhe interessa. E ainda tem a chance de contar com outras pessoas interessadas em acompanhá-lo e em aprender com seu exemplo.”⁴⁵

Uma vantagem encontrada por ele em seu hábito de circular entre alunos mais do que entre professores é a falta de gosto dos alunos pelas discussões. Roberto, assim como Deleuze, não gostava de discutir⁴⁶. Relatando um certo clima de animosidade em torno de Foucault em uma de suas visitas ao Brasil, ocasião em que Roberto o conheceu, mostra como chegou à convicção, perceptível para qualquer um que se aproximasse dele, de que só é bom trabalhar com amigos.

Sem dúvida a mesa-redonda na PUC serviu, não digo para esclarecer, mas para apresentar improvisadamente o pensamento de Foucault no início de sua genealogia do poder. No entanto, a tensão presente na pequena sala, provocada pela disputa intelectual que logo se instaurou, era insuportável. E talvez explique em parte por que, durante minha vida acadêmica, convivi mais com alunos do que com professores. Chegou-se até a acusar o pensamento de Foucault sobre o poder de ter uma base anarquista e de ser uma versão acadêmica, erudita, de um pensamento hippie. O que levou Chaim - no resto do tempo calado - a se posicionar ao lado de Foucault,

⁴⁵ Ibidem, p. 77.

⁴⁶ DELEUZE, G. & PARNET, C., *Dialogues*, p. 7.

dizendo não ver perniciosidade alguma nos pensamentos hippies e anarquistas. Encontros como esse me fizeram sentir que só se trabalha bem com amigos.⁴⁷

Talvez por isso, talvez por sua curiosidade sincera pelas pessoas, por sua espontaneidade que irrompia de repente, por sua atenção, sua capacidade de perceber o que havia de melhor em cada um, de despertar o desejo de pensar e de viver intensamente, nunca me senti à sombra de Roberto. Não que renegasse meu papel de aluna e orientanda. Vladimir Vieira, meu amigo e colega da UFF, ao me apresentar a Rosa Dias durante o encontro da ANPOF em Vitória, disse: “ela é cria do Roberto”. Depois, preocupado, veio me perguntar se eu tinha ficado chateada. Mal sabia ele a alegria que sentia por ser “cria do Roberto”, por ter tido a sorte de ser acompanhada de perto por essa luz tão brilhante e intensa, que se espraia por um horizonte a se perder de vista. Roberto é o exemplo mais próximo que tive de alguém que se esforçou para ir ao máximo do que podia, para desdobrar sua potência e buscar incessantemente a criação. Já hospitalizado, em momentos de delírio decorrentes de seu estado debilitado, voltava-se para Liliane Marinho, sua companheira e pessoa de delicadeza ímpar, e indagava: “Tem alguém criando? Tem alguém produzindo?”. Pensando numa das mais belas ideias de Espinosa, e quiçá de toda a história da filosofia, Deleuze dizia que a criação era o que permitia experimentar a eternidade durante a existência e que, quando os criadores morriam, o que se perdia nunca era sua parte mais importante, pois eles haviam, por meio de sua criação, conquistado a eternidade⁴⁸. Sim, Roberto, infinitas vezes sim: nossa conversa nunca termina. “Vamos nos falar mais.”

Recebido em 06/11/2021

Aprovado em 26/02/2022

⁴⁷ MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*, pp. 36-37.

⁴⁸ DELEUZE, G. (1968) *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Minuit, 2005, pp. 289-298.